



Henry Burnett¹

Resenha: Roberto Machado. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

Com discrição, um dos livros mais importantes de uma fase decisiva da recepção de Nietzsche no Brasil foi relançado em 2017, *Nietzsche e a verdade*, de Roberto Machado. Não é força de expressão nem exagero afirmar que o livro tem um lugar destacado, o que seria fácil de comprovar em uma obra de filosofia que chega à 3ª edição; mas valem algumas palavras para além de seu lugar consagrado.

Rer o livro hoje – o fiz algumas vezes desde a graduação há quase 25 anos – tem um sabor especial. Em primeiro lugar eu destacaria uma novidade introduzida no livro através de um “Esclarecimento”. Trata-se de uma revisão das citações da obra de Nietzsche, agora indicadas a partir da consagrada edição Colli-Montinari. Nas edições anteriores, o autor trabalhou com a também célebre edição da Gallimard das obras completas de Nietzsche em francês. Esta aparente simples troca de edições esconde na verdade uma boa novidade da nova edição: uma revisão das traduções a partir do original; uma prova de que o autor segue antenado com as novidades da Pesquisa-Nietzsche. Mas a, digamos, “reciclagem”, para por aí.

Nietzsche e a verdade não se enquadra nos estudos sobre Nietzsche desencadeados a partir do trabalho de Mazzino Montinari, pelo menos não dentro do conjunto que podemos chamar de canônico. É verdade que os comentadores nas últimas três décadas não formam um conjunto coeso e concordante, não é a isso que me refiro. Tomo a liberdade de dizer que o livro de Roberto Machado é um dos pontos altos de um lado singular da recepção brasileira; se inúmeros comentadores, tanto da geração do próprio Roberto quanto das novas gerações, estão integrados ao que há de mais avançado na leitura filológico-histórica de Nietzsche, filiada à tradição Montinari, Roberto Machado e muitos leitores recentes (onde o autor desta resenha se inclui) estão no limiar entre aquela tradição e uma leitura filtrada pela experiência

¹ Professor da Universidade Federal de São Paulo. E-mail para contato: hmburnett@gmail.com .

brasileira, para dizer de modo simplificado. Qual seria, afinal, a especificidade dessa leitura tropical?

Na “Introdução”, Roberto Machado faz um esclarecimento que não se alterou desde a primeira edição – como, de resto, nada foi modificado além das mencionadas traduções revistas – e que serve como recorte de precisão do seu livro: “se a preocupação com a moral já aparece nos primeiros escritos, ela é mais assinalada do que desenvolvida, como se só progressivamente fosse sendo descoberta sua importância como fundamento da racionalidade. Por outro lado, a reflexão sobre a arte não desaparece dos últimos escritos, depois de descoberto o filão da moral. Mas, mesmo que importantes precisões sobre a noção de trágico sejam introduzidas, o tema da arte não merece mais a atenção dos primeiros textos. Isso porque a posição de Nietzsche já estava firmada desde o primeiro momento: a arte é mais importante do que a ciência” (p. 10).

Ao ler isso, o leitor de hoje pode simplesmente aquiescer e tomar a passagem como uma obviedade; seria um erro fatal para a compreensão geral do lugar que o livro ocupa. Dou apenas um exemplo entre vários possíveis: um dos leitores mais próximos da tradição herdada dos estudos de Montinari, Paolo D’Iorio afirma, em seu livro mais recente, *Nietzsche na Itália*, que “na realidade, mesmo quando escrevia *O nascimento da tragédia*, Nietzsche estava consciente de que a fascinante visão do mundo que desenhava ali era apenas uma bela ilusão na qual nem mesmo ele acreditava muito. De fato, a primeira fase do seu pensamento é caracterizada por uma profunda cisão entre o que o jovem professor escreve publicamente e o que ele confia aos seus papéis ou aos seus alunos” (Trecho de: D’Iorio, Paolo. “Nietzsche na Itália - A Viagem Que Mudou Os Rumos da Filosofia”. iBooks).

Duas visões que podemos chamar de contraditórias, se aplicarmos regras fixas desta ou daquela escola de interpretação. Roberto Machado fala de uma paixão pelas artes que não muda com a entrada do tema da moral e da ciência na obra; D’Iorio defendendo uma paixão pelo trabalho filológico suspenso pela fase juvenil, a fase estética, e depois retomado em *Humano, demasiado humano*, em 1878. O que é paixão para o primeiro, é arrependimento para o segundo. Visões inconciliáveis sobre o mesmo autor em uma de suas fases mais produtivas e instigantes, a de juventude. Quem está certo? Não me arriscaria ao maniqueísmo da escolha. Nem se trata disso aqui; a questão está em outro lugar.

O que define uma interpretação? É apenas o jogo editorial, filológico, linguístico que alimenta a filosofia acadêmica? Ou talvez a filiação do intérprete com determinado grupo forte, bem financiado, que incrementa a formação de quadros internacionais e retroalimenta a Pesquisa-Nietzsche assinalada (principalmente a recepção alemã,

italiana, francesa e ibérica). Nietzsche pode ser lido a partir de um conjunto de parâmetros determinados? São perguntas que ninguém gosta de enfrentar.

Arriscaria dizer que Roberto Machado não pertence ao grupo “oficial”; e mais, que ele sabe disso e nunca se candidatou. Isso não significa que o conjunto de sua obra tenha sido composta sem rigor; vejamos o caso de Foucault, antes de voltarmos a Nietzsche. Alguns especialistas consideram os livros de Roberto Machado sobre este autor ainda hoje incontornáveis e até mesmo insubstituíveis, como *Foucault, a ciência e o saber* (1982). No caso de Nietzsche, não se trata apenas de uma leitura refinada, de uma exegese rigorosa, de uma visão de conjunto da obra ou ainda do lugar essencial que este livro ocupou na formação de toda uma geração de comentadores de Nietzsche no Brasil; isso seria dizer o óbvio em se tratando do trabalho do autor.

Nietzsche e a verdade pode ser lido hoje sob, pelo menos, duas perspectivas: a primeira, como um livro onde Roberto encontra talvez pela primeira vez um tema que o acompanharia vida afora: o trágico. Nietzsche, salvo engano, parece ter sido o norte que orientou todo um trabalho posterior sobre a matéria, inclusive o ponto mais alto desse percurso, *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche* (2006), além de outras obras onde a tragédia e o trágico foram retomados. O lugar de Nietzsche como um ponto de viragem na compreensão do conceito de trágico orienta o grande livro de Roberto sobre o tema.

A segunda perspectiva, a que mais me interessa aqui, é o que eu chamo de traço nacional de leitura. Antes de arriscar essa via, voltemos ao livro. Sutilmente, ainda no primeiro terço, Roberto afirma: “Se o puro dionisíaco é um veneno, é porque é impossível de ser vivido; é porque acarreta necessariamente o aniquilamento da vida. Se a arte é capaz de fazer participar da experiência dionisíaca sem que seja destruído por ela, é porque possibilita como que uma experiência de embriaguez sem a perda de lucidez” (pp. 35-6). O detalhe é fundamental. Neste ponto o autor insere uma nota que, em nome do argumento, preciso citar na íntegra: “Em *Crepúsculo dos ídolos*, depois de afirmar que ‘o essencial da embriaguez é o sentimento de plenitude e de intensificação das forças’ (‘Incursões de um extemporâneo’, § 8), Nietzsche caracteriza tanto o apolíneo quanto o dionisíaco como estados de embriaguez e os distingue pelo fato de que, enquanto um intensifica o olhar, o outro intensifica o sistema inteiro dos afetos (*idem*, § 10)” (p. 36).

Se estes dois trechos fossem escritos hoje, por um doutorando qualquer, ele precisaria criar uma nota de rodapé (longa) para explicar o uso do conceito de ‘dionisíaco’ n’*O nascimento da tragédia* e n’*O crepúsculo dos ídolos*, obras que encontram-se nos extremos da produção de Nietzsche. Roberto, no entanto, comete

quase uma heresia filológica, usando a obra de 1888 para iluminar a de 1872. Isso me leva ao principal de minha leitura.

Ninguém duvidaria, em sã consciência, que Roberto Machado não compreende as transições da obra de Nietzsche. Depois de seguir com sua leitura abordando obras da segunda e da terceira fases, *A gaia ciência*, *Aurora*, *A genealogia da moral* entre outras, e de maneira pronunciada os fragmentos póstumos, sempre a partir da crítica de Nietzsche à ideia de verdade alimentada ao longo da história da filosofia, Roberto abre o último capítulo do livro com uma frase que confirma, quero crer, minha hipótese: “Quando, em *Crepúsculo dos Ídolos*, uma de suas últimas obras, Nietzsche afirma que seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia*, é sua primeira transvaloração de todos os valores, não se trata da ilusão retrospectiva de um autor que pretende projetar sobre o passado uma nova problemática do presente. Embora o conceito de transvaloração tenha sido produzido em 1883 e adquira toda sua importância no momento dessa afirmação, ele se presta perfeitamente para definir a homogeneidade temática que, apesar das diferenças conceituais importantes, percorre sua reflexão, ressaltando o essencial de seu projeto” (p. 119). Não precisamos de muito para perceber que o debate supra, que parece recente, já tinha seu lugar desde a primeira edição deste livro, em 1984. Mas outro ponto é ainda mais central: a lucidez embriagada do dionisíaco tardio.

De tudo isso, chama a atenção uma característica que o autor não deixou exposta no livro, não fez questão de indicar sequer em nota, talvez porque não fosse algo tão central ou determinante, mas que considero possível considerar sob certo ponto de vista, principalmente com a distância que separa a 1ª edição desta releitura: a dimensão política de seu pequeno e precioso trabalho. Redigido e publicado no final do longo período da ditadura brasileira, originalmente uma tese para o concurso de professor titular da UFRJ, *Nietzsche e a verdade* pode ser historicamente compreendido, para além de sua contribuição aos estudos sobre Nietzsche, como um livro que, subliminarmente, conversava com parte significativa das artes brasileiras, sobretudo com o que nelas é autóctone e, por isso mesmo, de difícil enquadramento, e sobre a qual uma crítica tateante ainda hoje patina muitas vezes.

Penso sobretudo na dimensão trágica e, portanto, inadequada de produções importantes da música, do teatro, do cinema, da poesia e das artes plásticas no Brasil, sobretudo as que foram gestadas na década de 1960. Grande parte delas atravessada, muitas vezes de modo licencioso – mas não menos consciente – pelo dionisíaco nietzschiano; Caetano e Zé Celso de modo muitas vezes pronunciado. A sutileza desse vínculo não se distingue da que acompanha a vida acadêmica do professor Roberto Machado, pautada pela atenção aos alunos, pelas aulas ímpares,

pelos livros magistrais e, sobretudo, pela finura. Estranho seria se o livro avançasse sobre a realidade político-cultural do período como um livro de sociologia ou economia-política. Tendo há muito abandonado o ritmo maçante das bancas, dos congressos e dos concursos, Roberto dedica-se hoje ao essencial da pesquisa e das publicações – sabemos que seus livros tem uma recepção imensa quando lançados, destoando também nisso dos nossos artigos e teses publicadas. *Nietzsche e a verdade* foi escrito, como diz o autor em livro lançado em 2017 (ver infra), depois de um ligeiro afastamento da perspectiva de Foucault sobre o tema da verdade, mas não menos preocupado com a situação latino-americana onde o Brasil se incluía, e que junto com Foucault foi discutido aqui num momento bastante tenso da ditadura.

Para justificar minha percepção distanciada do livro, lembro ainda da colaboração esporádica de Roberto Machado em montagens teatrais, como *Medéia*, de Eurípedes, dirigida por Bia Lessa; disso arrisco uma quase certeza: a de que um livro sobre Nietzsche naquele momento não era apenas um livro sobre Nietzsche, e que sua compreensão do trágico não guardava, e não guarda, apenas um interesse teórico e histórico. Perdoe o leitor se esta resenha-interpretação ultrapassa seu escopo; acho que é uma obrigação quando se relê um livro dessa natureza. A leitura que Roberto Machado fez e faz de Nietzsche só pode ser compreendida se entendemos a interface dela com a cultura e a vida brasileira. Se há uma tensão entre sua leitura e as pesquisas recentes, dentro do âmbito estritamente nietzschiano, é em função dessa especificidade de parte da recepção brasileira, a qual Roberto representa modelarmente.

Em seu livro mais recente, fruto de uma nova fase, mais voltada à escrita literária, *Impressões de Michel Foucault* (2017), Roberto se refere ao *Nietzsche e a verdade* na última página, de modo breve e célere, mas o lugar do livro, seu recorte, sua originalidade e tudo o que tentei destacar aqui de modo esquemático, são retomados sem deixar margem à dúvida: “Ao mesmo tempo, distante de suas últimas ideias [de Foucault], eu escrevia um livro para mostrar que a análise nietzschiana da racionalidade científico-filosófica exige, para ser radical, o questionamento da vontade de verdade existente no conhecimento e é a principal característica da moral. E Nietzsche me permitia dar um passo importante em minhas reflexões – integrando meus interesses filosóficos e artísticos, sobretudo literários –, ao fazer *a crítica da racionalidade valorizando a arte trágica como força vital* (grifo meu). Problemática bem próxima daquela pela qual Foucault começou, mas em que depois perdeu o interesse. Na época, esse novo passo que eu dava não me permitia prever se um dia ainda me levaria a descobrir com ele novos e maravilhosos caminhos, como tinha ocorrido quando o conheci” (pp. 233-234).

Para Roberto Machado, não parece ser possível vida intelectual sem uma vivência com a experiência trágica, o que significa, para dizer de modo simples, um destemor em relação à finitude, e ainda mais: fazer desse limite existencial uma força motriz, corrompendo e levando às últimas consequências o exemplo de Nietzsche. O que significa isso quando lido pela lente de uma crítica cultural que privilegia o material nacional? Que parte significativa de nossa arte mais avançada pode explicar nosso descaminho, por meio de uma negatividade arraigada, basta que nos voltemos para ela de modo atento e forte para flagrar sua impossibilidade, o entrave que a torna hoje um grande monumento do passado, emblema de uma educação sentimental perdida, a qual não tem lugar dentro de um país esvaziado. Acho que Roberto Machado sempre soube disso, e sempre apostou na vida plena.